

Outros elementos, de ordem etnográfica, directamente ligados às mais diversas tradições religiosas começaram a apontar-me no mesmo sentido de ao número «quarenta» se dever atribuir um valor predominantemente simbólico.

Na verdade,

1. Depois de saírem do Egipto, em busca da Terra Prometida, erraram os Hebreus quarenta anos no deserto (*Êxodo*, 17, 35) e Moisés, antes de receber as tábuas com os Dez Mandamentos, «permaneceu junto do Senhor quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água» (*Êxodo*, 34, 28).
2. Jesus Cristo passará quarenta dias em oração no deserto (*Lucas*, 4, 2) – e, daí, ser de quarenta dias o período da Quaresma.
2. Não será, pois, de estranhar que o cânone nº 43 do Concílio de Elvira determine que a festa do Pentecostes se celebre não no 40º dia após a Páscoa, como estava a ser costume, mas no 50º, decerto para exorcizar o eventual carácter mágico que se estaria a atribuir já a este número.
3. Cedo se institucionalizou, por exemplo, a propósito de doenças, a prática de «estar de quarentena».
4. Falando sobre este assunto com Nelly Vulkanova, da Universidade de Sófia, vim a saber que na Bulgária:
  - a) durante os primeiros 40 dias após o parto, a criança só pode ser vista pelos pais e pelos parentes mais próximos;
  - b) que, por morte de um ente querido, os parentes mais próximos, designadamente a viúva ou o viúvo, não podem sair durante quarenta dias e é no 40º dia que se celebram os rituais de sufrágio.
5. Aliás, recentemente não se decretaram quarenta dias de luto por Hussein?
6. E, nos *Contos das Mil e Uma Noites*, não há a história de Ali Babá e dos... 40 ladrões?
7. Seja-me permitido referir, ainda, a inopinada verificação que recentemente me saltou aos olhos: Michael Bland, no livro *Novo Manual de Relações Públicas* (Editorial Presença, Lisboa, 1989, p. 42-43) escreve que «o chefe de redacção de um grande jornal britânico disse, certa vez, que não há nenhuma história que não possa ser contada em quarenta palavras».

Desta sorte, a acrescentar ao que se tem escrito sobre a utilização, nos epitáfios romanos, do arredondamento das idades em múltiplos de cinco, haverá, porventura, a considerar que «morrer aos quarenta anos» significará, entre os Romanos, «ter vivido em plenitude» ou, como se escreveu em jeito de elogio num epitáfio célebre: «vivió según su edad».

Extracto de: ENCARNAÇÃO (José d'), «Morrer aos 40 anos na Lusitânia romana», in GORGES (J.-G.) y NOGALES BASARRATE (T.), *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana* [IV Mesa Redonda Internacional, Serie Estudios Portugueses nº 13, Junta de Extremadura, Mérida, 2000, 241-247. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/25565>